

ASSENTIMENTO E LIBERDADE – APRESENTAÇÃO E TRADUÇÃO DAS DIATRIBES DE EPICTETO 1.18 e 1.19

*Assent and Liberty – Presentation and translation of
Epictetus' Discourses 1.18 and 1.19*

Aldo Dinucci
UFS

RESUMO: A diatribe 1.18 ilustra a concepção anti-trágica estoica que, ao tirar dos deuses a responsabilidade pelos atos humanos, faz do ser humano o senhor de seu próprio destino. Subentende-se nela a doutrina estoica do assentimento (*synkatathesis*), sobre a qual Epicteto nos fala na diatribe 1.28. Em *Diss.* 1.18, nosso estoico observava que está sob o encargo do tirano nos mutilar ou matar. Em *Diss.* 1.19, Epicteto explicita como, a partir disso, é preciso comportar-se em relação aos tiranos. Nosso filósofo observa que o tirano não nos atinge no que somos propriamente: a capacidade de escolha e suas operações (*Diss.* 1.19.2).

PALAVRAS-CHAVE: Assentimento. Liberdade. Estoicismo. Epicteto.

SUMMARY: Epictetus' Discourse 01.18 illustrates the anti-tragic Stoic conception that, taking from the gods responsibility for human actions, makes the human being the master of his own destiny. It is understood in it the Stoic doctrine of Assent (*synkatathesis*), about which Epictetus talks in discourse 1.28. In *Diss.* 1:18, our Stoic observed that it is in the tyrant's power to maim or to kill us. In *Diss.* 1.19, Epictetus explains how, from this, we must behave towards tyrants. Our philosopher notes that the tyrant does not reach us in that we are properly: our choice capacity and its operations (*Diss.* 1.19.2).

KEYWORDS: Assent. Liberty. Stoicism. Epictetus.

Apresentação das diatribes de Epicteto 1.18 e 1.19

Epicteto, um dos grandes nomes do Estoicismo Imperial, entre os quais se incluem Sêneca, Musônio Rufo e Marco Aurélio, nasceu no ano 55, em Hierápolis, na Frígia, e morreu por volta de 135, em Nicópolis, antiga cidade localizada na entrada do Golfo Ambraciano, no Épiro. Filho de uma serva, recebeu um nome que era comumente dado a servos na Antiguidade e que significa 'adquirido'. Epicteto mesmo nada escreveu. Tal tarefa coube a Lúcio Flávio Arriano Xenofonte, cidadão romano de origem grega, que compilou (possivelmente com auxílio da taquigrafia) suas aulas em

oito livros (*As Diatribes de Epicteto*), dos quais quatro sobrevivem, e constituiu o *Encheiridion de Epicteto*, um breviário de princípios morais epicteteanos.

A diatribe 1.18 ilustra a concepção anti-trágica estoica que, ao tirar dos deuses a responsabilidade pelos atos humanos, faz do ser humano o senhor de seu próprio destino. Subentende-se nela, porém, a doutrina estoica do assentimento (*synkatathesis*), sobre a qual Epicteto nos fala na diatribe 1.28:

Qual é a razão de se dar assentimento a algo? Parecer que é <o caso>. Com efeito, não é possível dar assentimento ao que parece que não é o caso. [...] Porque esta é a própria natureza do pensamento: inclinar-se para as coisas verdadeiras, estar descontente com as coisas falsas, suspender o juízo em relação às coisas incertas. [...] Quando, portanto, alguém dá assentimento ao que é falso, sabe tu que ele não desejou assentir [...] E então, o que temos tal como o verdadeiro e o falso em relação às ações? O que convém e o que não convém, o que é útil e o que é inútil, o que está de acordo comigo e o que não está, e as quantas coisas semelhantes a essas¹.

O assentimento é o ato que a alma humana realiza ao admitir como verdadeira uma proposição que subsiste segundo uma representação (*phantasia*). Segundo essa teoria, ninguém erra voluntariamente, mas por crer erroneamente que algo é o caso. Nessa mesma diatribe, Epicteto aborda o caso de Medeia citando a tragédia de Eurípedes:

Como aquela que diz: “Agora entendo que estou a ponto de executar tais atos criminosos. É a cólera o que há de mais forte entre meus desejos?”². Por isso mesmo ela pensa que agradar à cólera e punir o homem é mais vantajoso que conservar os filhos são e salvos. “Sim, mas ela enganou-se por completo”. Mostra a ela, de modo claro, que se enganou por completo e ela não realizará o ato; <porém>, na medida em que não o demonstres, pelo que ela deixar-se-á conduzir senão pela aparência³? (9) [...] Por que, portanto, és hostil com ela? Porque a infeliz se enganou a respeito das melhores coisas e tornou-se de ser humano em víbora?⁴

¹ Epict. *Diss.* 1.28.1.

² Fala de Medeia na “Medeia” de Eurípedes (E. *Med.* 1078-79).

³ Isto é: senão pelo que lhe parece ser a verdade.

⁴ Epict. *Diss.* 1.28.7-9

Epicteto compreende que Medeia teria agido em nome da paixão ao assassinar os próprios filhos por crer que vingar-se do marido que a abandonara era a coisa certa a se fazer. Epicteto observa que ela não deve ser hostilizada por seu ato na medida em que age pensando ter feito o melhor. Sua atitude não é efeito da maldade, mas da ignorância. Epicteto aplica essa conclusão a todas as ações humanas:

De modo que também o princípio das grandes e terríveis ações é assim como esse? Este sim e não outro. A *Ilíada* nada é senão uma representação e o uso das representações. Pareceu bom para Alexandre levar a mulher de Menelau, pareceu bom para Helena deixar-se conduzir por Alexandre. Se, com efeito, parecesse a Menelau um ganho ser privado daquela mulher, o que aconteceria? Perder-se-ia não somente a *Ilíada*, mas também a *Odisséia*.⁵

Colocando-se contra o fatalismo trágico, Epicteto afirma que as “tragédias” não se devem ao destino inexorável, mas por escolhas humanas errôneas e passionais. Epicteto resume suas reflexões sobre o trágico com as seguintes palavras:

Jamais nenhum entre nós fará nada ao acaso. Mas, quando a primeira e única razão é agir corretamente ou errar, ser feliz ou infeliz, ser não-afortunado ou afortunado, unicamente aqui somos irrefletidos e impetuosos. De modo algum <utilizo> algo semelhante [...] a uma régua, mas algo aparece e imediatamente sigo o que aparece. Sou, pois, melhor, que Agamenon e Aquiles porque esses, em razão de seguirem as aparências, façam e sofram tais males? Não ajo também tão somente sob o influxo da aparência? E qual tragédia possui outro princípio? [...] Como são chamados todos os que seguem a aparência? – Loucos – Com efeito, agimos de modo diferente? ⁶.

Assim, na medida em que cada um faz o que lhe parece o melhor, e que isso que parece o melhor muitas vezes não o é realmente, é preciso não ceder a impulsos passionais e refletir antes de agir.

⁵ Epict. *Diss.* 1.28.11-13

⁶ Epict. *Diss.* 1.28.29-33

Na diatribe 1.18, Epicteto parte igualmente nessa noção de assentimento (*Diss.* 1.18.1), noção que envolve três operações básicas: o ato de conceder o assentimento (que se faz diante algo que parece ser o caso), o ato de negar o assentimento (que se faz diante de algo não parece ser o caso) e o ato de suspender o assentimento (que se faz diante algo que não se sabe se é ou não o caso), estendendo isso ao que parece vantajoso ou não (*Diss.* 1.18.2). A seguir, como em *Diss.* 1.28, observa que, por essa razão, não se deve irritar-se com os erros humanos, desenvolvendo o tema até *Diss.* 1.18.13.

Em *Diss.* 1.18.14, Epicteto reflete sobre a causa da irritação: admirar as coisas externas: nos irritamos com o ladrão porque estimamos as coisas roubadas; nos irritamos com o adúltero porque estimamos a beleza da mulher. E, observa Epicteto, muitas vezes o roubo é causado pela ostentação, que é o ato de valorizar publicamente certas coisas externas, o que promove a inveja:

Examina, pois <o seguinte>: tens belas togas, o teu vizinho não as tem. Tens janelas e desejas arejá-las. Teu vizinho não sabe o que é o bem do homem, mas fantasia que é possuir belas togas, o que também tu fantasias. Então ele não virá e tomará as tuas togas? Tu, ao mostrar um bolo para homens famintos e ao devorá-lo sozinho, não desejas que o arranquem de ti? Não os provoques, não tenhas togas arejadas à janela.

Epicteto, na continuação (*Diss.* 1.18.15), refere-se à célebre história sobre sua lâmpada de ferro roubada de seu larário, refletindo sobre o que teria persuadido, isto é, atraído o ladrão (uma lâmpada de ferro era, naquela época, um objeto vulgar, praticamente sem valor), concluindo que, se o ferro atraiu o larápico, talvez o barro não o faça (as lâmpadas de barro eram ainda mais baratas que as de ferro). E finaliza observando que é próprio das coisas possuídas serem perdidas: “Perdi minha toga. Pois tinhas uma toga. Sinto dor de cabeça. Não sentes dor nos chifres, não é? Então por que te irritas? Pois perdas e sofrimentos referem-se ao que possuímos” (*Diss.* 1.18.16). No *Encheiridion* (11), essa reflexão é belamente sintetizada, e Epicteto vai além, precisando que nem sequer devemos usar o termo “perda” nesses casos, mas sim “devolução”:

Jamais, a respeito de coisa alguma, digas: “Eu a perdi”, mas sim: “Eu a restituí”. O filho morreu? Foi restituído. A mulher morreu? Foi restituída. “A propriedade me foi subtraída”, então também foi restituída! “Mas quem a subtraíu é mau!” O que te importa por meio de quem aquele que te dá a pede de volta? Na medida em que ele der, faz uso do mesmo modo de quem cuida das coisas de outrem. Do mesmo modo dos que se instalam em uma hospedaria.

Epicteto refere-se, está claro, às coisas *ouk eph'hemin*, coisas que não estão sob nosso encargo, que incluem, além de tudo o que existe no Cosmos, tudo o que possuímos ou, como dispõe com mais precisão em *Ench.* 14, tudo o que é posto à nossa disposição, mas que eventualmente teremos que devolver, o que inclui nosso próprio corpo. Nosso estoico deixa isso claro em *Diss.* 1.18.17: “Mas o tirano acorrentará – O que? A perna. E cortará – O que? O pescoço. O que ele não acorrentará nem cortará? A capacidade de escolha. Por isso os antigos ordenaram o Conhece a ti mesmo”. A única coisa sob nosso encargo é nossa capacidade de escolha (*prohairesis*). Epicteto lembra-se, aí, do “Conhece-te a ti mesmo” nesse sentido: conhecer quem nós somos efetivamente, i.e. esta mesma capacidade.

Conforme, explicitado em *Diss.* 1.1 e *Ench.* 1, apenas as coisas sob nosso encargo (que são aquelas relativas à faculdade de escolha: o juízo, o desejo e o impulso) podem ser boas ou más estritamente falando. As demais são nada para nós (*Ench.* 1.5): nem boas nem más, são indiferentes, e devemos lidar com elas, em primeiro lugar, evitando julgá-las boas ou más. Em *Diss.* 1.18.18, Epicteto explica que é preciso que apliquemos essas noções a partir das menores coisas e passemos paulatinamente para as maiores. Nesse sentido, diz-nos o velho de Hierápolis, alguém pode ser dito invencível: “Não ser desconcertado por nenhuma das coisas que não são passíveis de escolha” (*Diss.* 1.18.21).

Epicteto encerra a diatribe fazendo uma analogia entre o ser humano verdadeiramente invencível (i.e. o sábio) e o lutador de luta greco-romana. É preciso que encaremos as vicissitudes como o bom lutador encara os golpes dos adversários: não se irrita nem se abala, mas avalia o que deve ser feito antes e depois de cada assalto, e treina para se preparar para lutar diante de seus adversários, buscando antecipar seus golpes e suas estratégias.

Em *Diss.* 1.18, nosso estoico observara que está sob o encargo do tirano nos mutilar ou matar. Em *Diss.* 1.19, Epicteto explicita como, a partir disso, é preciso comportar-se em relação aos tiranos. Nosso filósofo observa que o tirano destaca-se pelo poder que possui, salientando que esse poder não nos atinge no que somos propriamente, a capacidade de escolha e suas operações (*Diss.* 1.19.2). Por outro lado, o cuidado que se dedica ao tirano não é diferente daquele que dedicamos a um asno ou a qualquer coisa que nos seja útil (*Diss.* 1.19.4), mas esse cuidado, está claro, não é aquele que devotamos a um ser humano, mas a uma coisa. E uma coisa perigosa, que tem o poder de nos matar, como a febre, e nesse contexto Epicteto cita o altar da febre em Roma (*Diss.* 1.19.6).

Epicteto enfatiza que o controle do tirano é sobre nosso corpo, não sobre nossas opiniões, que são determinadas por nossa faculdade de escolha. A seguir, nosso estoico relaciona essa liberdade da capacidade de escolha à tese da filiação divina: os seres humanos são filhos de Zeus. Essa tese pode ser vista como um modo metafórico de afirmar a participação do homem no divino através do pensamento: pois, como considera Epicteto e o estoicismo em geral, o homem é, como Deus, um ser pensante, e seu pensamento é um fragmento da divindade (cf. *Diss.* 1.3.2). Para Epicteto, essa tese tem um valor intrínseco, pois aquele que nela crê não pode ter a confiança em si abalada (cf. *Diss.* 1.3.1).

Em *Diss.* 1.19.16, Epicteto relaciona a servidão aos tiranos às más opiniões, que são aquelas que julgam boas ou más as coisas que não são passíveis de escolha e que não estão sob nosso encargo. Entre as coisas erroneamente julgadas boas, mas que não são por si mesmas boas ou más, estão os cargos públicos e as posições de poder e prestígio social, sobre o que Epicteto discorre, exemplificando (*Diss.* 1.19.17-25). Ao fim na diatribe, Epicteto menciona o culto a Augusto, que conferia aos eleitos como sacerdotes prestígio social, já que seus nomes apareciam em documentos oficiais (*Diss.* 1.19.26 ss.). O diálogo conclusivo é deliciosamente irônico, e colocamos aqui a tirada final à guisa de conclusão desta apresentação. Após o interlocutor dizer que uma das vantagens de fazer parte do culto a Augusto é usar uma coroa de ouro, Epicteto arremata: “Se alguma vez desejares uma coroa, toma uma feita de flores e põe na cabeça: ficarás mais elegante!” (*Diss.* 1.9.29).

Realizamos a tradução diretamente a partir do texto grego estabelecido por Schenkl (1916) e cotejamos nosso trabalho com as melhores traduções disponíveis das *Diatribes de Epicteto*, dando especial atenção à de Souilhé (1962), à de George Long (1877) e à de Dobbin (2008).

Diatribes 1.18 – Que é preciso não se irritar com os que cometem faltas:

(1) Se é verdadeiro o que é dito pelos filósofos, que para todos os homens⁷ há um único princípio, de acordo com qual assentir⁸ é sentir⁹ que é o caso¹⁰, negar¹¹ é sentir que não é o caso e –por Zeus– suspender o juízo¹² é sentir que é não-evidente, (2) bem como desejar algo é sentir que me é vantajoso, sendo impossível julgar vantajosa uma coisa e desejar outra, e a uma julgar conveniente, mas ser impulsionado¹³ para outra, (3) então porque ainda nos irritamos com os muitos?

– São ladrões – diz <alguém>– e salteadores¹⁴.

– O que é roubar e furtar? Eles erram¹⁵ sobre as coisas boas e das más. (4) É preciso nos irritar com eles ou ter pena¹⁶ deles? Mostra o erro e verás como se afastarão das faltas¹⁷. Entretanto, se não possuem visão, nada mais têm senão o que lhes parece <bom>.

(5) “É preciso matar esse larápio e esse adúltero?”

– (6) De modo algum, <indaga> antes, porém: “É preciso matar esse homem que errou e se enganou sobre as melhores coisas e tornou-se cego, não quanto à visão

⁷ Cf. *Diss.* 1.18.1 e nota.

⁸ *Synkatathestai*.

⁹ *Paschein*. Cf. *Diss.* 1.28.2; 3.2.1; 3.3.2; 3.22.43; 1.4.11.

¹⁰ “Que é o caso” é nossa tradução para *hyparchei*.

¹¹ *Ananeusai*.

¹² *Epischein*.

¹³ *Horman* é presente infinitivo ativo de *hormao*. Epicteto abarca nesse parágrafo, portanto, o princípio para os três tópicos: o do assentimento, o do desejo ou aversão e o do impulso.

¹⁴ O termo aqui é *lopodytes*, que, em sentido estrito, é o ladrão que rouba roupas em banhos públicos ou que assalta viajantes.

¹⁵ “Erram” aqui traduz *peplanentai*, 3ª do plural do perfeito do indicativo de *planao*, que significa literalmente “vagar”, donde “errar” também no sentido do juízo.

¹⁶ “Ter pena” traduz *eleeo*, que significa literalmente “sentir compaixão”, “sentir piedade”. É importante salientar que, para Epicteto, o sentimento de pena é contra a natureza, sendo, porém preferível ao ódio. Cf. *Diss.* 1.18.10: “Homem, se te é preciso se dispor contra a natureza por males de outrem, antes tem pena dele que ódio”.

¹⁷ *Hamartema* no genitivo plural.

que distingue as coisas brancas e negras, mas quanto à inteligência que distingue as boas e más?”¹⁸ (7) Se assim falasses, saberias quão desumano é o que dizes e que é semelhante a isto: “Então não é preciso matar esse cego e esse surdo?” (8) Pois se o maior mal é perda dos maiores bens, e o maior bem de cada homem é a escolha do modo que é preciso, e disso esse <indivíduo> está privado, por que ainda te irritas com ele? (9) Homem, se te é preciso te dispor contra a natureza por males de outrem, antes tem pena dele que ódio. (10) Abandona essa prontidão para te ofenderes e odiar. (11) Que tu não <digas> estas palavras que muitos dos que amam censurar <proferem>: “Esses malditos e imundos tolos!”¹⁹ <Que o sejam>. (12) Quando tu te tornaste subitamente sábio para (13) te irritares²⁰ com os outros? (14) Então por que nos irritamos <com os que nos roubam>? Porque admiramos as coisas que nos são tomadas²¹. Não admires as tuas togas e não te irritarás com o ladrão. Não admires a beleza de tua mulher e não te irritarás com o adúltero. Sabe que o ladrão e o adúltero não têm lugar entre as tuas coisas, mas entre as de outrem e as que não dependem de ti. Se as puseres de lado e delas fizeres pouco caso, com quem ainda te irritarás? Na medida em que tu as admirares, irrita-te contigo mesmo e não com os outros. Examina, pois <o seguinte>: tens belas togas, o teu vizinho não as tem. Tens janelas e

¹⁸ Vê-se aqui Epicteto atacando o que podemos chamar de princípio da demonização, pelo qual emitimos um juízo que condena alguém sem dar a possibilidade de compreendermos a situação. Assim, ao invés de demonizar alguém precisamos tentar compreendê-lo por meio de um juízo analítico e partindo da tese da impossibilidade da *akrasia*.

¹⁹ Essa é a famosa passagem referida por Mowat e que prova a proeminência do códice *Bodleianus Graecorum Miscellaneorum 251* sobre os demais. O texto aqui está mutilado em pelo menos quatro partes. Recentemente Sellars (2015) pode verificar o manuscrito com o auxílio de meios digitais e avaliar as tentativas de reconstrução da passagem. Ao comparar o escaneamento digital e as tentativas de reconstrução de Mowat (1887), Schenkl (1916, p. 61), Capps/Oldfather (apud Oldfather, 1925, p. 122, n. 4) e Souilhé (1943, p. 69), Sellars chegou à seguinte reconstrução:

11. *kai misetikon: mepeis tas phonas tautas*
12. *has hoi polloi ton phil[opsogoun]ton “toutous oun tous ka-*
13. *taratous kai miarous esto: sy pos pot’apeso-*
14. *phothes aphano: ti tois allois chalepos eî; dia ti oun [...]*

Quanto à linha 11, a lacuna permanece ilegível; e as conjecturas propostas, duvidosas. Colocamos aí um “digas” e “proferem” para impor sentido à frase. Quanto à linha 13, Sellars considerou possível supri-la com *morous*, conjectura de Capps/Oldfather, que seguimos. O Capps a quem Oldfather se refere é provavelmente Edward Capps (1866-1950), primeiro editor norte-americano da Loeb Classical Library.

²⁰ *Chalepos ei*. *Chalepos* significa “difícil, difícil de tolerar”.

²¹ Cf. E 22; Horácio, *Epístolas*, 1.6.1 (“Nil admirari”).

desejas arejá-las. Teu vizinho não sabe o que é o bem do homem, mas fantasia²² que é possuir belas togas, o que também tu fantasias. Então ele não virá e tomará as tuas togas? Tu, ao mostrar um bolo²³ para homens famintos e ao devorá-lo sozinho, não desejas que o arranquem de ti? Não os provoques, não tenhas togas arejadas à janela²⁴.

(15) Também eu, que tenho uma lâmpada ao lado do larário²⁵, recentemente, ao escutar um ruído da janela, desci correndo – e descobri que a lâmpada fora levada. Conclui que quem a levou sentiu algo não pouco persuasivo²⁶. E então? Amanhã, disse eu, encontrarás uma feita de barro. (16) Pois se perdem as coisas possuídas. “Perdi minha toga”. Pois tinhas uma toga. “Sinto dor de cabeça”. Não sentes dor nos chifres, não é?²⁷ Então por que te irritas? Pois perdas e sofrimentos referem-se ao que possuímos.

(17) “Mas o tirano acorrentará” – O que? “A perna”²⁸. “E cortará” – O que? “O pescoço”. O que ele não acorrentará nem cortará? A capacidade de escolha. Por isso os antigos ordenaram o “Conhece a ti mesmo”²⁹. (18) E então? Pelos Deuses! É preciso praticar a partir das menores coisas³⁰ e, começando por elas, passar para as maiores. (19) “A cabeça me dói!” Não digas “Pobre de mim!” Também não digo que não é dado gemer, mas exteriormente não gemas³¹. E se o pequeno servo trazer lentamente teu

²² O verbo aqui é *phantazomai*, que no estoicismo é termo técnico, significando “ter a *phantasia* (“representação”) de que”.

²³ *Plakous*: espécie de bolo achatado em forma de semente de malva.

²⁴ A crítica à ostentação aqui é a seguinte: ao admirar coisas externas e exibi-las, obtém-se não a admiração alheia, mas a inveja.

²⁵ Local nos lares romanos dedicado às divindades protetoras do lar.

²⁶ *Ouk apithanon*: literalmente “não não-persuasivo”.

²⁷ Cf. Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 45. Possível reminiscência do paradoxo (sofisma) dos chifres, atribuído a Eubúlides de Mileto (lógico da escola de Mégara), qual seja: – Concordas que possuis aquilo que não perdeste? – Sim. – Perdeste teus chifres? – Não. – Logo, ainda possuis teus chifres.

²⁸ Cf. *Ench.* 9.

²⁹ Cf. Xenofonte, *Memoráveis* 4.2.24.

³⁰ Cf. *Ench.* 12.2.

³¹ Cf. Epicteto, fragmento 179 (Aulo Gélíio, *Noites Áticas*, 17.19): “Além disso, esse mesmo Epicteto, como ouvimos de Favorino, costumava dizer haver dois vícios entre todos de longe mais graves e perniciosos: a incapacidade de resistir e a incapacidade de abster-se, quando ou não resistimos aos sofrimentos que devem ser suportados, ou não nos abstemos de coisas e desejos em relação aos quais devemos nos conter. “Assim,” diz Epicteto, “se alguém tomar a peito estas duas palavras e as velar através do governo e da observação de si mesmo, na maior parte do tempo não cometerá faltas e viverá uma vida tranquilíssima”. Essas duas palavras Epicteto dizia serem *Anéchou* (Resiste) e *Apéchou* (Abstém-te)”.

cinto, não grites nem arregales os olhos, nem digas “Todos me odeiam!” Pois quem não odeia uma pessoa assim? (20) Daqui em diante, fiando-te em tais opiniões, caminha ereto, livre, sem fiar-te na grandeza física como o atleta: pois não é preciso ser invencível como um asno³².

(21) Então quem é invencível? Aquele que não é desconcertado³³ por nenhuma das coisas que não são passíveis de escolha. Assim, de hoje em diante, como no caso do atleta, ao passar por cada dificuldade, observo: “Ele pressionou³⁴ no primeiro assalto. Então o que fará no segundo?” “O que fazer se estiver quente?” “O que fazer em Olímpia³⁵?” (22) E do mesmo modo no que se refere a nós: “Se lançares <em sua direção> uma diminuta quantia de prata, ele a desdenhará. E se uma mocinha? E se a escuridão? E se uma diminuta glória? E se uma ofensa? E se um elogio? E se a morte?” Ele pode vencer todas essas coisas³⁶. (23) E se ele sentir calor, isto é, se estiver embriagado? E se estiver doente de melancolia? E se estiver dormindo? Para mim, esse é o atleta invencível.

Diatribes 1.19 – Como é preciso comportar-se em relação aos tiranos?

(1) Quando alguma qualidade superior³⁷ pertencer ou parecer pertencer a alguém, é absolutamente necessário, se não for instruído, inchar-se de orgulho por isso³⁸. Por exemplo: (2) o tirano diz:

– Entre todos, sou o mais poderoso!

A expressão em latim é esta: *Sustine et abstine*.

³² O texto aqui apresenta pequena lacuna, que, porém, não parece afetar o sentido da frase.

³³ *Existesin*: 3ª do singular do presente do indicativo de *existemi*, que, significa literalmente “deslocar, mudar, mudar completamente” e, em sentido metafórico, “confundir, surpreender”. Parece-me que o verbo é utilizado aí nesses dois sentidos simultaneamente. Dobbin verte o termo por “disconcert”. Georg Long o verte por “disturb”. Oldfather, por “dismay”. Souilhé, por “troublers”. Escolhemos “desconcertado” por implicar tanto o sentido de “ser confundido” quanto o de “ser surpreendido”.

³⁴ O verbo aqui é *ekbiazo*, que significa literalmente “forçar, desalojar, expulsar”. Dobbin traduz a frase assim: “he survived the first round”. Georg Long, “he has come off victorious in the first contest”. Oldfather, “This fellow has won the first round”. Entretanto, parece-nos, *ekbiazo* não significa aí estritamente nem “sobreviver” nem “vencer”. Fazendo analogia com o boxe moderno, compreende-se a frase indicando que o adversário, no primeiro *round*, manteve a iniciativa, pressionando, com seus golpes e impondo uma posição defensiva.

³⁵ Durante os jogos.

³⁶ Cf. *Ench.* 45 5.

³⁷ *Pleonektema*: “vantagem, ganho”, donde também “excelência, superioridade, qualidade superior”.

³⁸ Cf. *Ench.* 6.

– Então o que és capaz de me dar? És capaz de conservar meu desejo desimpedido? Como isso te é possível? Tu possuis <o desejo> desobstruído? <És capaz de conservar a minha> repulsa irrepreensível? Tu mesmo <assim> a possuis? Meu impulso infalível? (3) E quando isso foi te coube em partilha? E então: a bordo de uma nau, depositas tua confiança em ti ou no piloto? E em uma carruagem: depositas tua confiança em alguém senão no condutor? (4) E nas demais artes? Do mesmo modo. Então do que és capaz?

– Todos os homens cuidam de mim³⁹.

– Pois eu também cuido de meu pequeno tablete⁴⁰ e o lavo e o limpo. E, em razão de meu lécito⁴¹, fixei um prego⁴² na parede. E então? Essas coisas me são superiores? Não. Todavia, me suprem algum uso, em razão do que cuido delas. E então? Não cuido eu do meu asno? (5) Não lhe lavo os cascos? Não o limpo? Não sabes que todo homem cuida de si, mas que cuida de ti como de seu asno? (6) Alguém cuida de ti como um homem? Mostra-me. Quem deseja tornar-se semelhante a ti? Quem deseja zelar por ti como por Sócrates?

– Sou, contudo, capaz de te decapitar!

– Falas bem. Esqueci por completo⁴³ que é preciso cuidar de ti como da febre e da cólera, e erigir-te um altar, como em Roma há o altar da Febre⁴⁴.

(7) Porém o que inquieta e aterroriza os muitos? O tirano e seus guardas armados? Como pode ser isso? De modo algum! Não é possível para quem é livre por natureza ser agitado ou impedido por algo, exceto por si mesmo (8). Mas as opiniões o agitam. Pois, quando o tirano disser a alguém “Acorrentarei tua perna!”, aquele que

³⁹ O verbo aqui é *therapeuo*, que traduzimos acima (*Diss.* 1.17.4.1) por “tratar”. Epicteto joga aqui com os múltiplos sentidos do verbo, que pode significar “servir”, “adorar”, “cortejar”, “adular”, “atender” (esses os sentidos que Epicteto atribui à fala do tirano), bem como “cuidar”, “tratar” (sentidos que Epicteto terá em mente a seguir).

⁴⁰ *Pinakion*: pequeno tablete usado pelos magistrados para escreverem suas sentenças ou leis. Servia ainda para escrever memorandos ou simplesmente para desenhar.

⁴¹ *Lekythos*: vaso grego, de uma só asa e com pescoço fino (para controlar a vasão do líquido que encerra), usado para levar óleos perfumados para uso corporal.

⁴² *Passalos*.

⁴³ *Eklanthano*.

⁴⁴ Cf. Lactância, *De falsa religione*, c. 20.

reverencia a perna diz “Não, tem piedade!”. Entretanto, quem reverencia a própria capacidade de escolha⁴⁵ diz: “Acorrenta-a se te parecer mais útil”.

– Não te importas?

– Não me importo.

– Mostrar-te-ei que sou o senhor.

– (9) Como tu podes fazer isso? Zeus me fez livre. Pensas que seu próprio filho estaria destinado a ser escravo? És senhor do meu cadáver, toma-o.

– (10) Então, quando te aproximas de mim, não cuidas de mim?

– Não, mas de mim mesmo. Porém, se desejares que eu fale que cuido também de ti, digo que o faço do mesmo modo que cuido de meu penico⁴⁶.

(11) Isso não é egoísmo⁴⁷, pois desse modo nasceu o animal⁴⁸. Ele tudo faz em razão de si mesmo. Pois também o Sol faz todas as coisas em razão de si mesmo, como, de resto, também Zeus o faz. (12) Quando ele deseja ser “Aquele que traz as chuvas” e “Aquele que dá os frutos”, e ainda “Pai dos homens e dos Deuses”, vê que não é possível obter essas obras e esses epítetos se não for benéfico ao <interesse> comum. (13) Em geral, também Zeus forneceu ao animal racional uma natureza tal que não pode obter nenhum dos bens próprios a este se não oferecer algum benefício ao <interesse> comum. (14) Assim, não mais antissocial se tornará aquele que faz tudo em razão de si. (15) E o que esperas? Que um homem renuncie a si mesmo e ao que é

⁴⁵ *Prohaíresis*. Aqui, porém, significando algo como “caráter”. Assim, Dobbin nesta passagem verte o termo por “moral character”; Souilhé, por “sa personne”; Georg Long, por “will”.

⁴⁶ *Chytra*.

⁴⁷ *Philautos*: literalmente “amor próprio”. Cf. Aristóteles, *Ética Nicomaqueia*, 9.8.

⁴⁸ Epicteto refere-se aqui à doutrina estoica da *oikeiosis* (*apropriação*), cujo nome menciona explicitamente em *Diss.* 1.19.15. Segundo essa doutrina, a natureza humana apresenta os seguintes desdobramentos: (1) *proton oikeion* (o animal, ao ter a percepção de algo exterior, percebe também a si mesmo); (2) *oikeiosis eunoetike* (o animal sente afeição pela representação que tem de si mesmo e conhece suas forças e fraquezas); (3) *oikeiosis stertike* (o animal, quando social, estabelece laços a partir da consanguinidade); (4) *oikeiosis eklektike* (o animal busca as coisas que favorecem sua existência e evita as que efetuem o contrário); (5) *oikeiosis hairetike* (esse é um desdobramento exclusivo da natureza humana, pelo qual o ser humano busca os bens morais). Para Epicteto, a busca pelos bens morais significa a harmonização dos demais impulsos originários da natureza humana com a dimensão comunitária do ser humano, pelo que o amor próprio coincide com o comunitário. Zeus é apresentado como instância disso a seguir, pois, ao ser, por exemplo, pai dos homens, realiza algo grande simultaneamente para si e para a humanidade.

vantajoso para si mesmo? E como poderia haver ainda um único princípio para todas as coisas: a apropriação⁴⁹?

(16) E então? Enquanto estranhas⁵⁰ opiniões subsistirem sobre as coisas não passíveis de escolha⁵¹, como sendo boas e más, é absolutamente necessário servir aos tiranos. E que seja somente o tirano e <não> os seus valetes⁵²! E como um homem se torna subitamente sábio quando César⁵³ o faz encarregado de sua cozinha. Como dizemos, então: “Felício falou sabiamente comigo!” (18) Desejei que lhe fosse retirada a latrina⁵⁴ para que ele novamente te parecesse tolo! (19) Epafrodito tinha um sapateiro que vendeu por ser um imprestável. Em seguida, este, por uma reviravolta do destino⁵⁵, foi comprado por um dos cesarianos⁵⁶, tornando-se sapateiro de César. Verias como Epafrodito o reverenciava naqueles tempos! (20) “Que fazes, bom Felício, meu amigo?” (21) E se algum de nós indagasse: “O que faz Epafrodito?”, dizia-se que deliberava com Felício sobre algum assunto. (22) Pois não o vendeu como um imprestável? Mas quem o tornou subitamente sábio? (23) Isso é reverenciar outra coisa que não as passíveis de escolha.

(24) “Ele foi julgado digno⁵⁷ do cargo de tribuno da plebe⁵⁸” Todos que o encontram o felicitam. Um beija-lhe os olhos; outro, o pescoço; os escravos, as mãos. Vai para casa, encontra as lâmpadas sendo acesas. (25) Chega ao Capitólio e oferece um sacrifício. Mas quem alguma vez ofereceu um sacrifício para desejar belamente? Para desejar segundo a natureza? Pois damos graças aos Deuses pelas coisas nas quais colocamos nosso bem⁵⁹.

⁴⁹ *Oikeiosis*. Cf. nota acima.

⁵⁰ O termo aqui é *allokotos*, que significa primariamente “de forma ou natureza não usual”.

⁵¹ *Aproaireta*.

⁵² O termo empregado aqui é *koitonitas*, acusativo plural de *koitonites*, “valeta de quarto” (*cubilaris* em latim), o responsável pela administração dos aposentos de um homem poderoso. Suas funções incluíam cuidar dos pinicos de seus mestres. Cf. Sêneca, *Da constância do sábio*, 14; Horácio, *Sátiras*, 1.6.109.

⁵³ O termo aqui se remete não a Júlio César, mas ao imperador da época a que Epicteto se refere, Nero.

⁵⁴ *Kopron*. Epicteto refere-se a uma das funções do *cubilaris* de administração dos pinicos. Felício, no caso, administrava os pinicos imperiais.

⁵⁵ *Kata tina daimona*. *Kata daimona* significa praticamente o mesmo que *tychei* (por acaso). Entretanto, não há acaso para os estoicos, pelo que traduzimos a expressão empregando o termo “destino”.

⁵⁶ *Kaisarianoi*. Os membros da *entourage* de César (amigos, parentes, colaboradores diretos).

⁵⁷ O verbo aqui é *axioo*, literalmente “ter valor de”.

⁵⁸ *Demarchia*: tribunato, cargo do *demarchos*. Em Roma, o *tribunus plebis*.

⁵⁹ Cf. *Ench.* 31.4 (“Pois aí onde está o interesse, aí também está a piedade”); Mateus, 6.21 (“Pois onde está teu tesouro, aí também está teu coração”).

(26) Hoje alguém me falou a respeito do culto a Augusto⁶⁰. Disse-lhe: “Homem, deixa isso de lado. É muito esforço por nada”.

– Porém, os que escrevem os contratos colocarão meu nome neles!

– Pensas que, quando lerem em voz alta tais contratos, estarás presente e dirás: “Escreveram o meu nome?” (28) E mesmo que agora puderes estar presente sempre, o que farás quando morreres?

– Meu nome permanecerá.

– Escreve-o, pois, em uma pedra, e ele permanecerá. Ora! Quem fora de Nicópolis se lembrará de ti?

– Mas usarei uma coroa de ouro!

– (29) Se alguma vez desejares uma coroa, toma uma feita de flores e põe na cabeça: ficarás mais elegante!

Referências

ARISTÓTELES. *Nicomachean Ethics*. Trad. Rackham. Harvard: Loeb, 1926.

AULO GÉLIO. *Noctium Atticarum*. Harvard, Loeb, 2002.

DINUCCI, A.; JULIEN, A. *Epicteto: testemunhos e fragmentos*. São Cristóvão: EdiUFS, 2009.

EPICTETO. *Entretiens; Livre I*. Trad. Souilhé. Paris: Les Belles Lettres, 1962.

EPICTETO. *Epictetus: Discourses, Book 1*. Trad. Dobbin. Oxford: Clarendon, 2008.

EPICTETO. *O Encheirídion de Epicteto. Edição Bilingue*. Trad. Aldo Dinucci; Alfredo Julien. São Cristóvão: EdiUFS, 2012.

EPICTETO. *The Discourses as reported by Arrian (Books I, II, III & IV); Fragments; Encheiridion*. Trad. W. A. Oldfather. Cambridge: Loeb, 2000.

EPICTETO. *The Discourses of Epictetus as reported by Arrian (Books I, II, III & IV);Fragments; Encheiridion*. Trad. W. A. Oldfather. Cambridge: Loeb, 2000.

⁶⁰ Nicópolis, como observamos na introdução deste trabalho, fora fundada por Augusto em comemoração à sua vitória na batalha de Actium. Após sua morte, constituiu-se um culto ao então divinizado Augusto. Esse culto dispunha de um alto cargo sacerdotal, e o sacerdote tinha a honra de ter seu nome dado ao ano de seu mandato, aparecendo em todos os documentos oficiais. Cf. Suetônio, *Augusto*, 18.

- EPICTETO. *The Discourses of Epictetus, with the Enchiridion and Fragments*. Trad. George Long. Londres: George Bell & Sons, 1877.
- HORÁCIO. *Satires, Epistles, Ars Poetica*. Trad. H. R. Fairclough. Harvard: Loeb, 1926.
- LACTÂNCIO. *De falsa religione*. Textkritisches zum 1. Buch der Diuinae institutiones, Y. LEHMANN; G. FREYBURGER; J. HIRSTEIN (ed). Antiquité tardive et humanisme: de Tertullien à Beatus Rhenanus. Mélanges offerts à François HEIM à l'occasion de son 70e anniversaire. Turnhout, 2005.
- MOWAT, J. L. G. A Lacuna in Arrian. IN: *Journal of Philology* 7, 1877, p. 60-3.
- SCHENKL. *Epicteti dissertationes ab Arrianos digestae*. Lipsia: Teubner, 1916.
- SCHWEIGHAUSER. *Epicteteae Philosophiae Monumenta*. 3 vol. Leipsig: Weidmann, 1799.
- SELLARS. *Epictetus, Dissertationes 1.18.10*. IN: *Classical Quarterly*, 2015.
- SÊNECA. *Moral Essays, vol. II*. Trad. J. W. Basore. Harvard: Loeb Classical Library, 2001.
- SÊNECA. *Moral Essays, vol. III*. Trad. J. W. Basore. Harvard: Loeb Classical Library, 2001.
- SÊNECA. *Epistles 1-66*. Trad. R. M. Gummere. Harvard: Loeb Classical Library, 2001.
- SÊNECA. *Epistles 66-92*. Trad. R. M. Gummere. Harvard: Loeb Classical Library, 2001.
- SUETÔNIO. *Lives of the Caesars volumes I & II*. Trad. Rolfe, J. C. A. Harvard, Loeb, 1914.
- VON ARNIM, H. *Stoicorum Veterum Fragmenta vol. 1: Zeno or Zenonis Discipuli*. Berlim: De Gruyter, 2005.
- VON ARNIM, H. *Stoicorum Veterum Fragmenta vol. 2: Chrysippi Fragmenta Logica et Physica*. Berlim: De Gruyter, 2005.
- VON ARNIM, H. *Stoicorum Veterum Fragmenta vol. 3: Chrysippi fragmenta moralia. Fragmenta Successorum Chrysippi*. Berlim: De Gruyter, 2005.
- XENOFONTE. *Memorabilia. Oeconomicus. Symposium. Apology*. Trad. E. C. Marchant; O. J. Todd. Harvard: Loeb Classical Library, 1923.

Doutor em Filosofia (PUCRio, 2002)
Bolsista de Produtividade CNPq
Professor do PPG Filosofia-UFS
E-mail: aldodinucci@yahoo.com.br